



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
ICED - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS
LICENCIATURA INTEGRADA EM LETRAS - PORTUGUÊS E INGLÊS

ARIELZES LOPES OLIVEIRA

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA LEITURA NA
ALDEIA INDÍGENA ARIMUM

SANTARÉM – PA
2024

ARIELZES LOPES OLIVEIRA

**A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA LEITURA NA
ALDEIA INDÍGENA ARIMUM**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao programa de Letras, para obtenção do grau de licenciada em letras com habilitação em Língua Portuguesa; Universidade Federal do Oeste do Pará; Instituto Ciências da Educação.
Orientador: Prof. Dr: Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM – PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- O481 Oliveira, Arielzes Lopes
A literatura como estratégia de promoção da leitura na aldeia indígena Arimum /
Arielzes Lopes Oliveira. – Santarém, 2024.
30 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Orientação: Zair Henrique Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pa-
rá, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura Integrada em Letras - Português e In-
glês.
1. Leitura. 2. Literatura. 3. Arimum (Comunidade). 4. Escola indígena . I. San-
tos, Zair Henrique, *orient.* II.Título.

CDD: 23 ed. 372.4




UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(TCC)**

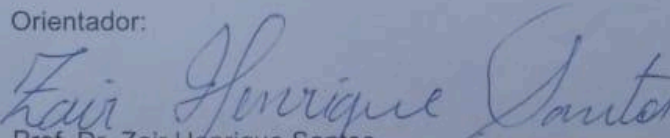
Aos dezessete dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, a partir das nove horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, de forma presencial, ocorreu a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso **COMO DESPERTAR O INTERESSE PELA LEITURA NA COMUNIDADE INDÍGENA ARIMUM, ATRAVÉS DA LITERATURA**, de autoria de **Arielzes Lopes Oliveira**, matrícula 201201142, sob a orientação do Prof. Dr. **Zair Henrique Santos**, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, Presidente desta Banca, pela Profa. Dra. **Terezinha de Jesus Dias Pacheco** e pela Profa. **Raquel Fernandes dos Anjos**. Após a análise do texto e defesa, o TCC foi (**X**) **aprovado** / () reprovado, resultando na nota 8,5. Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos. E, para constar, eu, Prof. Dr. Zair Henrique Santos lavrei a presente ata que será assinada pela autora do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Santarém-PA, 17 de maio de 2024.

Autora:

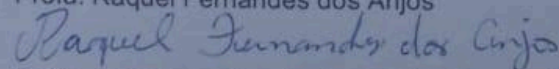

Arielzes Lopes Oliveira

Orientador:

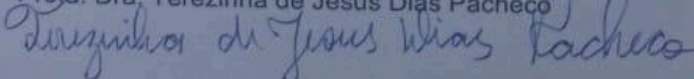

Prof. Dr. Zair Henrique Santos

Avaliadoras:

Profa. Raquel Fernandes dos Anjos



Profa. Dra. Terezinha de Jesus Dias Pacheco



AGRADECIMENTOS

A Deus (Tupã) pela força soberana que rege esse universo, por ter me dado saúde e força para concluir a etapa final do curso.

À minha mãe, Maria das Graça Lopes Oliveira e, em memória, de meu pai, Aluizio dos Santos Oliveira que em vida foi uma das peças fundamentais em apoio e incentivo para que não desistisse dos meus estudos.

Aos meus filhos e a minha família em geral, pelo apoio, incentivo e conhecimento; por acreditarem no meu esforço e vontade de estudar; por serem meu porto seguro.

Às lideranças do povo da Comunidade Arimum, que sempre com sua generosidade e gentileza, me apoiaram durante a pesquisa.

A meus amigos, por todo apoio e incentivo que me deram ao longo desses anos na Universidade, mesmo estando longe da minha aldeia.

Às famílias que sempre me apoiaram nesta trajetória da vida acadêmica contribuindo para que não desistisse nos momentos difíceis da vida.

Aos professores do curso de Letras do ICED – UFOPA, por todo o conhecimento e troca de experiências que tivemos.

Aos meus amigos e colegas que contribuíram para o meu crescimento e fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida, e especial ao meu orientador, Professor Dr: Zair Henrique Santos, pela maneira gentil de orientar e corrigir o trabalho, onde obtive mais incentivos para a construção desse estudo final do curso.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Comunidade/Aldeia Arimum, Rio Arapiuns. Tem como objetivo investigar a situação de como a leitura se manifesta na educação da comunidade. Busca-se identificar como ocorre o despertar do interesse pela leitura em um lugar distante, envolvendo tanto os indígenas quanto os não indígenas na comunidade, no contexto escolar. Para isso, utilizou-se a pesquisa de campo como forma de compreender a situação em que os estudantes estavam inseridos, conseguindo alcançar os objetivos da pesquisa. O aporte teórico do trabalho baseia-se nas postulações de Freire (1994, 2006), Rodrigues e Ferreira (2016), Lajolo (1994), Silva (1995), Coll, Palacios & Marchesi (1995) etc. As aulas foram ministradas com foco na leitura e na participação dos estudantes, sem negligenciar o viés pedagógico que busca conciliar a vivência dos nativos com suas tradições. Os livros utilizados na aldeia foram escolhidos visando agregar valores tanto internos quanto externos à comunidade, considerando os estudantes indígenas e não indígenas. Além disso, o trabalho identifica o paralelo entre estudar e trabalhar para sobreviver, o que representa um desafio para a imersão em um ambiente escolar adequado para os alunos da Aldeia Arimum.

Palavras-Chave: Leitura. Educação. Arimum. Escola indígena.

ABSTRACT

This work presents the results of a research carried out in the Arimum Community/Aldeia, Rio Arapiuns, which aims to investigate the situation of how reading manifests itself in community education. In this way, we seek to identify how the awakening of interest in reading occurs in a distant place, involving both indigenous and non-indigenous people in the community, in the school context. For this, field research was used as a way of understanding the situation in which the students were inserted, managing to achieve the research objectives. The theoretical contribution of the work is based on the postulations of Freire (1994, 2006), Rodrigues and Ferreira (2016), Lajolo (1994), Silva (1995), Coll, Palacios & Marchesi (1995), etc. Classes were taught with a focus on reading and student participation, without neglecting the pedagogical approach that seeks to reconcile the natives' experiences with their traditions. The books used in the village were chosen to add value both internally and externally to the community, considering indigenous and non-indigenous students. Furthermore, the work identifies the parallel between studying and working to survive, which represents a challenge for immersion in a suitable school environment for students at Aldeia Arimum.

Keywords: Reading. Education. Arimum. Indigenous school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O ATO DE LER FAZ BEM.....	10
3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE /ALDEIA ARIMUM.....	12
4 LOCALIDADE.....	14
5 RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE COMO INDÍGENA.....	14
6 HISTÓRICO DA ESCOLA INDÍGENA.....	15
7 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2022.....	19
8 DIFICULDADE SOBRE A REALIDADE DO ESTUDANTE.....	21
9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SEGUNDO SEMESTRE: SETEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2023.....	22
10 A LEITURA EDUCA, HUMANIZA E LIBERTA.....	23
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Comunidade Arimum, terra indígena Cobra Grande, localizada no rio Arapiuns, tendo como objetivo investigar a situação da leitura e capacidade de aprendizado dos estudantes na comunidade Indígena Arimum.

Pode-se afirmar que a leitura é uma ferramenta difícil de ser trabalhada com os povos tradicionais indígenas da comunidade em destaque, pois apresentam dificuldades em compreensão textual, em decorrência da baixa interatividade com leitura e dificuldade de engajamento escolar. Considerando que muitos estudantes precisam auxiliar seus pais em tarefas cotidianas, frequentemente negligenciando suas atividades escolares, as quais são percebidas como tendo menor relevância para suas vidas, gerando um desafio que vai contra o interesse da pesquisa.

A prática da leitura, integrada como elemento central na disciplina de Língua Portuguesa, representa uma ferramenta fundamental para o crescimento pessoal e compreensão, adotando uma abordagem crítica em relação à leitura e escrita. Ambas são utilizadas como meios de aprendizado e, especialmente, como recursos para capacitar os estudantes a desenvolverem pensamento crítico em relação a qualquer tópico, já que desenvolve habilidades analíticas, tomada de decisões informada, resolução de problemas, autonomia intelectual, ética e responsabilidade social (FACIONE, 1990, p. 04). Nessa acepção, o ato de ler não se restringe à leitura da palavra, sendo também considerada uma leitura de mundo (Freire, 2006).

Transpor a teoria em prática são desafios presentes na sala de aula que precisam ser superados. O despertar do interesse pela leitura nos alunos indígenas são elos primordiais para o desenvolvimento daqueles que almejam prosseguir em seus estudos e se aperfeiçoar como indivíduo na sociedade. Derrubar a barreira que se alarga entre os alunos indígenas e a leitura deve ocorrer pela superação da apatia pela leitura, gerada em decorrência das dificuldades dos professores em transmitir a teoria em prática.

Neste sentido, a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) atua em compromisso com a realidade: possibilita a esses lugares a aquisição de livros literários para prática da leitura dos alunos, além de contribuir, realizar leituras e reflexões junto à comunidade. Notoriamente, faz-se necessário despertar o interesse da leitura nos indígenas e não indígenas para que estes cresçam e se tornem leitores assíduos e, a partir da leitura, possam desenvolver a concentração, a expansão do conhecimento, a capacidade de

memorização, estimular a criatividade, ajudar a vida profissional, melhorar a comunicação e facilitar a escrita. Dessa forma, além de envolver o leitor a leitura pode apresentar-lhe novas palavras e novos usos, possibilitando-lhe uma nova forma de ver o mundo e a si mesmo, um cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres.

2 O ATO DE LER FAZ BEM

Rodrigues e Ferreira (2016, p. 26-27) afirmam que “A leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação”. A leitura faz parte da inteligência. Dessa forma, avançando cada vez mais a ideia de que a leitura influencia na educação social, e ajuda significativamente no desenvolvimento cognitivo, o que corrobora para uma melhora em áreas do conhecimento. A importância da alfabetização da leitura é o princípio do gosto por ler, conforme os dados do Ministério da Educação, no que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (2011).

Através da leitura e oralidade temos informações sobre nossas culturas, tradições, hábitos dos nossos povos, e as diferenças das religiões que atuam dentre as atividades sociais, com boa conscientização e compreensão. Em verdade, seria muito difícil, senão impossível, imaginar um sistema educacional onde a leitura não estivesse presente. Mesmo nas sociedades mais tradicionais, a educação das novas gerações é retratada de acordo com as leituras que circundam histórias e tradições voltadas para um contexto que perpetua oratórias antigas, que buscam imergir novos estudantes à relatos e acontecimentos de outras épocas, ensinando a interpretar o mundo a sua volta, o passado dos originários, ou ainda, a leitura dos mistérios da natureza. Marisa Lajolo (1994, p. 12) ao abordar o tema, diz sobre a precariedade sobre o ensino aos mais jovens ou os diversos preconceitos que satirizam outra cultura, de modo que chega ao professor e escola, sobre as literaturas que se escrevem derivadas totalmente da fala.

Consequentemente, o resgate feito pelas memórias de referências culturais, são necessárias dentro e fora da sala de aula, pois tem como função despertar o interesse pela leitura. Entende-se que, o ato de ler é fundamentalmente um ato de conhecimento (Silva, 1995, p. 12)

Na tradição brasileira, a literatura infantil ministrada nas escolas manteve sempre relação de dependência mútua com a evolução da sociedade, o mesmo deveria acontecer nas comunidades/aldeias indígenas (Lajolo, 1994, p. 66). No entanto, quando se trata de base, “o assunto torna-se mais delicado, pois sabe-se que quando mal construída, jamais haverá uma

continuidade de qualidade, ou seja, não há estrutura que resista sobre uma base mal planejada” (Silva, E., 2018, p. 27). Por isso, é importante que as questões e contradições presentes na sociedade brasileira sejam amplamente difundidas, para que a educação precária de comunidades indígenas torne-se uma realidade diferente, de maneira que impulse a melhora da condição de vida de seus habitantes ao longo do território brasileiro.

Neste sentido, é fundamental realizar a leitura de forma reflexiva para a construção de conhecimento textual. Analisar como a leitura desperta o interesse é uma abordagem eficaz para compreender a realidade. A leitura e reflexão sobre obras literárias constituem um caminho válido para a compreensão do mundo. O ato de ler é, em sua essência, uma busca por conhecimento, proporcionando uma compreensão mais profunda das forças e relações presentes nos domínios da natureza e da sociedade, com a finalidade de explicá-las (Silva, 1995, p. 12). Desta forma, como despertar o interesse pela leitura assume a importância de melhoria no processo de ensino e aprendizagem, o que contribui significativamente para o desenvolvimento, em crianças e jovens, especialmente, de capacidade de pensamento, análise crítica e de síntese.

A instrução do ser humano, quer seja por meio de métodos formais ou informais (estruturados ou não), sempre implica em dois elementos essenciais: formação e informação. Em particular, o processo educacional demanda a transmissão de conhecimentos às novas gerações, assim como a promoção de valores e costumes específicos, visando garantir a sobrevivência e a coexistência social, além de assegurar a continuidade evolutiva da cultura (Silva, 1995, p. 35).

Através da leitura gera-se novas direções, pois acrescenta-se novos conhecimentos, modificando e ampliando as ideias já existentes em um processo dinamizador que resulta na transformação social, uma vez que esclarece, por meio de sua compreensão, o papel dos indivíduos no contexto global e em relação ao mundo, destacando-os como agentes de mudança, ao invés de meros adaptadores (FREIRE, 1994, p. 73). Porém, delinear caminhos atrativos para estimular e despertar o interesse pela leitura, advém da motivação do professor, pois os incentivos são extremamente necessários no decorrer do ensino aprendizagem, pois:

É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem (Paulo Freire, 1994, p. 44).

No entanto, a leitura é o processo que busca a compreensão da língua escrita e o aprimoramento individual. O fato é que existem um leque de finalidades por trás deste processo, seja para procurar uma informação concreta, seja para preencher um tempo de lazer ou ainda confirmar ou refutar um determinado conhecimento. De todo modo, intermédio da leitura está sempre presente. Batista (s.d.) explica que “A leitura, além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos, aprimora a escrita. O contato com os livros ajuda ainda a formular e organizar uma linha de pensamento”.

Devido às barreiras culturais, linguísticas, socioeconômicas e falta de políticas públicas enfrentadas ao acessar uma educação de qualidade, é essencial que os alunos de uma escola indígena priorizem a leitura em suas vidas, visando superar a lacuna educacional e alcançar a igualdade na sociedade.

Assim, a educação e a valorização cultural são fundamentais para equipar os indígenas com valores, conhecimentos e habilidades que os conectem com sua identidade étnica e os despertem para o interesse e envolvimento com a leitura. Nesse contexto, a prática da leitura desempenha um papel vital na aquisição de conhecimento e no crescimento pessoal, tornando-se uma ferramenta indispensável para o progresso humano. Além disso, a capacidade de ler é essencial para a existência individual e para o avanço de uma sociedade, cujo desenvolvimento está intimamente ligado à educação de seus cidadãos, capacitando-os a transcender às limitações das palavras. É nesse contexto que Antunes (2012) observa que “A cultura assusta muito. É uma coisa que apavora os ditadores. Um povo que lê nunca será escravo”.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE /ALDEIA ARIMUM

O nome “Arimum” advém de histórias contadas e repassadas através da oratória de geração em geração da comunidade. O termo ficou popular a partir da lenda contada para os mais novos, que retrata “Os pretinhos de Arimum”. A lenda conta que há muitos anos, cerca de sete ou dez décadas, havia alguns moradores na localidade que não tinham laços de amizade com pessoas de outros lugares. Lá tudo era respeitado e considerado como sagrado. Os horários, por exemplo, eram rigorosamente obedecidos pelas mulheres durante o período da menstruação, de modo que não era permitido descer às margens do rio durante o horário do meio dia e nem a partir das 18h da noite, sob pena de sofrerem ataques dos animais. De mesmo modo, se uma mulher menstruada passa sobre um igarapé, isto faz com que os donos daqueles territórios ficassem bravos ou atraídos.

No entanto, é com a lenda dos “Três meninos pretinhos” que o nome “Arimum” ganhou mais notoriedade. Diz a lenda que uma moça que ficou grávida de trigêmeos, de um pai que era encantado. Quando as crianças nasceram, as parteiras mandaram levar as crianças à beira do rio, para que o pai as levasse e ele mesmo as cuidasse. A mãe das crianças pediu que batizasse as crianças com os nomes de Ari, Arimum e Arimunzinho. E assim os três meninos pretinhos foram criados pelo pai. Um fator curioso dos meninos é que, mesmo com tanto tempo passado, diz-se que os três ainda possuem a mesma idade de quando pequenas. Além disso, os pretinhos são diferentes de outras pessoas. São desconfiados e muito rápidos para se esconderem. Estão sempre perto das pessoas, mas não falam e não fazem nada a ninguém. Por esse motivo, o lugar passou a ser chamado por Arimum, Ari e/ou Arimunzinho, devido as crianças serem vistas circulando pela comunidade.

Atualmente, a comunidade, devido a essa história, possui pontos sagrados. Dizem que os Três meninos pretinhos vivem nas cabeceiras dos igapós, lagos e ponta de pedras, pois eram os locais que mais se avistavam, também chamados por “encantados”. Além disso, dizem ainda que eles deitam com as pessoas, andam pela casa e debaixo das árvores frutíferas, pelas praias, tanto pela noite, como pelo dia, estando sempre pela aldeia. No entanto, o ponto sagrado deles mesmo é na ponta de pedra, que fica próximo ao porto da vila. Eles não usam roupas, estão sempre nus e não têm cabelo na cabeça.

Como as histórias se prevalecem desses seres, os moradores antigos denominaram esse lugar de Arimum. Quando seus primeiros habitantes iniciaram o processo de morada, várias famílias chegaram de outros lugares e juntos deram início ao processo de povoamento e criação da comunidade. Pela felicidade de se caçar e cultivar plantio nas terras, em pouco tempo outras pessoas passaram a morar na localidade e assim a população eventualmente obteve um enorme crescimento. Segundo relatos de moradores antigos, o acesso à saúde e educação básica naquela época eram precárias, pois não havia agentes de saúde, escolas e, muito menos, professores. No entanto, apesar de não haver agentes de saúde naquela época os habitantes, assim como ainda é comum nos dias atuais, usava do “poder medicinal” das plantas nativas, os curadores e pajés (comumente chamados de benzedores, ou curadores por populações não indígenas de comunidades tradicionais brasileiras) ajudavam sempre que necessitados para a cura de alguma enfermidade. Além disso, os cultos e ritos sobrevivem séculos e até hoje são utilizados pelo povo indígena e repassado para as novas gerações, por sua fé e crença no poder de cura das ervas medicinais, dos pajés, nas enfermidades e bênçãos vinda dos “encantados”, “Mãe Terra” e “Mãe da natureza”. Mesmo sendo poucos, os moradores não deixaram os costumes indígenas desaparecerem, ainda continuam usando

remédios caseiros que foram passados de seus antepassados e perpetuam as tradições oratórias para as novas gerações.

4 LOCALIDADE

A Comunidade/Aldeia Arimum está localizada às margens direitas do rio Arapiuns, no Território Cobra Grande, Município de Santarém-Pará, situada geograficamente ao norte do Brasil. Para ter acesso à aldeia é necessário navegar três horas de barco na linha fluvial de Santarém, estado do Pará.

A comunidade era constituída por 36 famílias e atualmente tem somente 16. As moradias são feitas, em sua maioria, de madeira com cobertura de telhas e palhas, morando em um pequeno agrupamento de pessoas em malocas. As casas estão à beira dos campos de futebol e algumas à beira do rio, tendo transporte fluvial da aldeia até Santarém nos dias de domingo e quarta-feira, retornando todas as terças-feiras, sextas-feiras e sábados.

Ao passar dos anos as pessoas que moravam na Comunidade/ Aldeia Arimum, foram melhorando suas casas que eram todas de palhas. Atualmente, algumas residências são feitas de madeira e alvenarias.

Encontra-se no local: um campo de futebol, duas igrejas católicas: uma menor que tem como padroeiro São Benedito, e outra maior como padroeira Nossa Senhora Aparecida. Possui também um barracão comunitário que é o local onde acontecem as festas, uma escola por nome São Sebastião e outra com o mesmo nome da igreja maior, uma associação de mulheres de artesanatos por nome Jararacas, que tem parceria com o projeto PSA (Projeto Saúde e Alegria), um barracão e uma maloca.

À frente da comunidade estão as lideranças: o presidente da comunidade, o cacique da Aldeia, que faz parceria com o Projeto Saúde e Alegria através da Prefeitura Municipal de Santarém.

5 RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE COMO INDÍGENA

Os moradores da Comunidade/Aldeia Arimum passaram a ser reconhecidos como indígenas nos anos de 1998 a 1999, quando a FUNAI (Fundação Nacional Indígena), GCI (Grupo de Consciência Indígena) e o CITA (Conselho Indígena Tapajós Arapuás) visitaram a localidade e fizeram o reconhecimento da comunidade e a população vivente na aldeia. Vendo

que os moradores de Arimum tinham traços indígenas e tradições culturais, os incentivaram a assumir suas identidade e etnias originárias.

No ano de 2002 as lideranças locais e o cacique resolveram fazer uma reunião com os indígenas da aldeia para construir uma escola para os seus filhos estudarem. Contudo, por motivo de conflitos internos, havia um receio de deixar professores indígenas lecionarem dentro da escola São Sebastião, devido o preconceito de ser um indígena o educador, além da alta discriminação com crianças. Dessa forma, juntos com lideranças de outras aldeias foi feito um documento solicitando da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), uma escola indígena para a região.

6 HISTÓRICO DA ESCOLA INDÍGENA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida está localizada na Comunidade/Aldeia Arimum, zona rural na Terra Indígena Cobra Grande, à margem direita do rio Arapiuns, no Município de Santarém-PA. Sua necessidade foi para atender os alunos indígenas e não indígenas ao desenvolvimento de uma educação cultural que adentre as temáticas indígenas e busque resgatar as heranças existentes, com o intuito de proporcionar aos alunos uma educação com consciência, utilizando-se de ferramentas de ensino e aprendizagem dos costumes da cultura local.

Figura 01 - Sala de aula da Escola Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Elaborada pela própria autora.

O contexto que envolve a construção do educandário remete ao ano de 2002, quando o cacique, Sr. Aluízio dos Santos Oliveira, e mais outras lideranças, lutaram pela Escola Indígena São Sebastião, mas, como viu-se no capítulo anterior, não conseguiram realizar a façanha, devido problemas internos de reconhecimento como indígenas e outros moradores. Assim, houve a necessidade de buscar junto a SEMED uma forma de registrar o local como ambiente educacional indígena.

As primeiras aulas eram lecionadas sob as árvores e as crianças sentadas onde podiam, para estudar. A partir de 2009 a Escola Nossa Senhora Aparecida foi fundada.

Contudo, não era um ambiente escolar padrão visto nas cidades, ao contrário, funcionava em uma maloca, construída pelos próprios moradores. A escola iniciou com 12 alunos e com o passar dos anos, as aulas começaram a ser ministradas no Ensino Fundamental. Ademais, foi implantado o ensino do Notório Saber e Nheengatu, introduzidos primeiramente em forma de projeto nas escolas, e atualmente é reconhecida como um dos componentes curriculares.

Figura 02 - Sala de aula (parte interna)



Fonte: Elaborado pela própria autora.

A Escola Nossa Senhora da Aparecida adota uma abordagem diferenciada na distribuição das turmas, tanto para as séries iniciais quanto para o Ensino Fundamental I e II, de modo a atender igualmente aos interesses dos alunos. Com uma visão voltada para ser uma instituição indígena de destaque, a escola busca incorporar valores e práticas pedagógicas inovadoras, baseadas em mitologias próprias de aprendizagem. Reconhecendo a importância

das inter-relações entre os saberes científicos e tradicionais, a escola se empenha em proporcionar uma educação de qualidade, mesmo com suas muitas dificuldades, que integre ambos os conhecimentos. Sua missão é oferecer uma educação escolar indígena de excelência, utilizando saberes técnicos e científicos para promover o desenvolvimento cultural e bilíngue dos alunos, em diálogo com diversas áreas do conhecimento. Além disso, a escola adota uma gestão democrática, construída coletivamente em colaboração com a aldeia e as comunidades escolares, tendo como princípios norteadores a valorização da educação escolar indígena diferenciada.

A educação e a valorização cultural proporcionaram aos alunos valores, conhecimentos, habilidades, o despertar e o interesse pela leitura voltadas para a conservação do meio e da valorização étnico. A demanda da escola é heterogênea, composta por pessoas de níveis econômicos diferenciados, sendo os pais empregados do setor privado, funcionários públicos, autônomos e desempregados. A maioria dos discentes depende de programas sociais do Governo Federal, como Bolsa Família, por exemplo.

Nesse contexto, vê-se que com a presença de uma escola na aldeia, possibilita ao aluno e, por extensão, à comunidade, serem conhecedores de seus direitos e deveres, organizado-se, sendo capazes de relacionar os conteúdos com a sua vivência, a fim de tornarem-se cidadãos críticos, participativos e atuantes na sociedade, mantendo uma relação social harmônica e interpessoal.

Dado que os povos indígenas possuem o direito a uma educação escolar que seja específica, distintiva, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme estipulado pela legislação nacional, especificamente pelo Decreto 6.861/09, a responsabilidade pela educação escolar indígena recai sobre o Ministério da Educação, enquanto aos estados e municípios assegurar esse direito.

A escola polo está localizada na aldeia Caruci, CEP 68115-000, INEP 15013340. É mantido pelo Governo do Estado do Pará e administrado pela Secretaria de Estado de Educação - SEDUC, nos termos da legislação em vigor e regido pelo Regimento Escolar do estado, atendendo ao disposto nas Constituições Federal e Estadual e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tem como unidade executora o Conselho Escolar e equipe gestora: Aldenilza Campos de Jesus (diretora) e Liliane Campos de Jesus (coordenadora pedagógica). O estabelecimento de ensino leciona para o Ensino Fundamental de pré 1 e 2 ao 1^a ao 8^a ano do Fundamental. Autorizado em documento base do Plano Estadual de Educação (Pará, 2015) e a Lei 8.186/2015, no qual constam metas de promoção da educação escolar para os povos indígenas.

Além disso, vale destacar que a região do Arapiuns, no Município de Santarém, no oeste do Pará, localiza-se diversas aldeias dos povos: Arapiuns, Jaraqui, Tapajó, Borari, Arara Vermelha, Tupaiú, Apiaká, Tapuia. Dentre elas pode-se citar: Caruci, pertencente ao Território Cobra Grande. Esse território abrange cinco aldeias de povos diferentes: Caruci (Arapiun); Lago da Praia (Jaraqui); Garimpo (Tapajó); Arimun (Arapiun) e Caridade (Tapuia). Nessas aldeias estão implantadas escolas que atendem crianças (na Pré-escola), adolescentes (no Ensino Fundamental, do 5º ao 9º ano) e adultos (Educação de Jovens e Adultos (EJA)). Esses locais passaram por um processo de mudança/transição do sistema de Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série para o 1º ao 9º ano.

Acresce, ainda, que funciona na Aldeia Lago da Praia, o Ensino Médio (1º ao 3º ano) e na Aldeia Caruci, além do Ensino Médio (1º ao 3º ano) também a Licenciatura Plena (Intercultural).

Partindo do princípio que as aldeias acima mencionadas fazem parte do Território Cobra Grande e apresentam características próprias, além da entrada nessas comunidades demandar um maior tempo e recursos financeiros, optou-se pela Aldeia Caruci, como campo de estudo, já que tal comunidade é uma escola polo, atendendo com dois anexos (Garimpo e Arimum). O local também abriga uma maior população, totalizando 115 habitantes, sendo que os alunos regularmente matriculados na escola de Caruci, perfazem um total de 65 alunos, contando com os dois anexos. Do conjunto de sujeitos mencionados e que se elegeram os atores sociais envolvidos no estudo, divididos por categorias para a obtenção das informações: Categoria I: cacique; Categoria II: Tuxaua; Categoria III: diretora da escola; Categoria IV: Secretaria da escola; Categoria V: Professor de Notório Saber e Nheengatu; Categoria VI: Professores da escola e Categoria VII: estudante do 9º ano, Ensino Médio e Licenciatura Plena Intercultural. Totalizando um quantitativo de dezoito indivíduos participantes integrantes dos estudos.

Dessa forma, as escolas indígenas nas aldeias passaram a ser direcionadas pela Lei Federal de nº 6.001/73, que nos artigos 49 e 50 certificam o ensino bilíngue nas práticas pedagógicas, nos processos de alfabetização. Assim diz a referida lei:

Art. 49 – A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertencem, e em português, salvaguardo o uso da primeira. Art. 50 – A educação do indígena será orientada para a integração na comunhão nacional mediante processo de gradativa compreensão dos problemas gerais e valores da sociedade Educação Escolar Indígena diferenciada, bem como do aproveitamento de suas aptidões individuais (BRASIL, 1973).

A Constituição Federal de 1988 também reconheceu no artigo 231, o direito dos povos nativos a manterem “sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL, 1988) e no artigo 232 “os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo” (BRASIL, 1988).

Esse panorama representou também a fase da escola diferenciada e se refletiu diretamente nas políticas e ações do final da década de 1980. Nesse ínterim, as escolas indígenas que antes eram atreladas a FUNAI, ou seja, ao Ministério do Interior, em 1991 passam a ser geridas pelo Ministério da Educação - MEC. Essas mudanças estruturais no Ministério do Interior abriram caminhos para a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN em 1996, que trouxe questões importantes no que se refere à educação indígena. O artigo 8º da referida Lei, inclusive, expõe que é fundamental.

7 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2022

Inicialmente, fora apresentado o projeto “hábito da leitura” para as lideranças da aldeia, colaboradores, diretora e alunos da Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, Aldeia Arimum, Terra Indígena Cobra Grande, localizada no Rio Arapiuns.

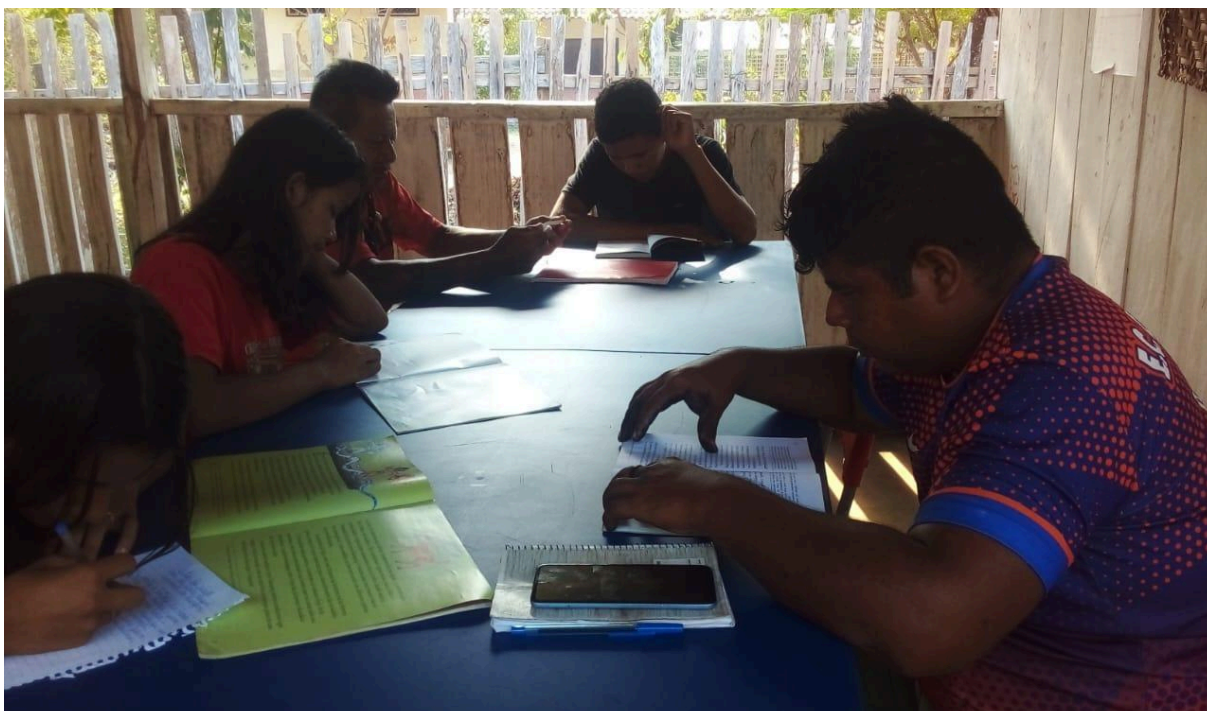
Posteriormente, foi realizado um questionário para identificar como se dá o hábito da leitura entre os alunos indígenas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de forma que o serviria para aplicação de conteúdos que suprissem a necessidade literária dos estudantes.

Diante da realidade dos resultados alcançados, tornou-se necessário aplicar a prática da leitura de forma mais efetiva, visto que os resultados do questionário não foram satisfatórios. A maioria dos participantes não têm o hábito de ler, seja qual for a fonte de leitura. Mediante a tal resultado, gerou-se um desafio ainda maior, visto que a realidade dos participantes carece de maior atenção para uma educação de qualidade.

Em sala de aula foram apresentados os livros literários infantojuvenis oriundos da Universidade Federal (UFOPA) – antiga Biblioteca Bartolomeu Campos de Queiroz e atual Biblioteca Moronguetá, do Lelit, devido a escola indígena não possuir acervo literário ou biblioteca. No intuito de saber como se dá o despertar do interesse pela leitura com os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Nossa Senhora Aparecida (Comunidade /Aldeia –Arimum, Rio Arapiuns, Santarém-Pará), a cada bimestre do ano letivo,

foram realizadas leituras em equipe em sala de aula onde a comunicação foi feita de forma oratória de cada aluno.

Figura 3 - Desenvolvimento da atividade de leitura



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Houve um grande desafio quanto à leitura, muitos estudantes não possuíam o domínio que deveria possuir para textos e sentenças básicas. Eles apresentavam um padrão de leitura de estudantes que estavam ainda nos anos iniciais de leitura, evidenciando a dificuldade e carência que tinham para ler. Com cada aluno foi realizada uma leitura individual. Contudo, sem sucesso, devido à baixa frequência de leitura, o resultado da atividade não foi satisfatório, devido a incompreensão e sem saber ler de forma esperada para alunos do Ensino Fundamental. A atividade, em decorrência desses desafios, demorou pouco mais de um mês para ser realizada.

Após a atividade de leitura, os alunos produziram pequenos textos sobre o que foi trabalhado em sala de aula. Desse modo, ensinando-os a fazer uma breve compreensão textual e trabalhar em cima do entendimento do texto, mesmo que de forma simples e curta.

O livro usado foi o *Tecendo Linguagens*, de Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo. As leituras feitas foram os poemas de cordel das páginas 84 a 86.

As aulas tiveram como objetivo explicar os tipos de gêneros que nasceram da tradição oral, como a fábula, o conto maravilhoso, as canções de trabalhos das lavadeiras e dos

apoiadores, os causos e as historinhas de assombrações. Dessa forma, conciliando assuntos escolares com tradições da comunidade, levou-se ao estudante um pouco da literatura e tradição local. (Bacana isso, se isso aconteceu a leitura foi um sucesso)

8 DIFICULDADE SOBRE A REALIDADE DO ESTUDANTE

Mesmo havendo encontros com os pais e alunos, e explicando a importância de haver a interação da leitura fora do ambiente escolar, os alunos não correspondiam às expectativas, mesmo as mínimas. Acarretando no acúmulo de atividades deixadas para serem realizadas em sala de aula.

Primeiramente, no que diz respeito às turmas do 6º e 7ºano, todos tiveram bom desempenho na leitura, devido às ilustrações presentes nos livros. O que gerou maior interesse nos alunos, de modo que não possibilitasse desinteresse ou cansaço.

Ao final de cada bimestre foi realizado uma avaliação de acordo com as leituras anteriores dos livros. Contudo, muitos dos alunos tiveram dificuldades, apresentavam grande demora para ler um pequeno trecho, ainda juntando sílabas e com pouca ou nada de confiança, pois a leitura era um grande desafio para eles. Diante da realidade dos alunos do 6º ao 9º ano, foram realizadas atividades de leitura em quadrinhos, o famoso gibi (turma da Mônica), devido a curiosidade observada ao analisar os questionários e se deparar com o comentário de interesse sobre este tipo de leitura.

Nas turmas do 8º e 9º ano houve a necessidade de realizar um encontro com os alunos e seus responsáveis. Brevemente, foi apresentado um conteúdo para as crianças e adultos e, assim, apresentar o que estaria sendo ensinado em sala de aula. Contudo, os responsáveis não se sentiram confortáveis em participar da aula. Por ser um público um pouco mais adulto, a ideia de ser uma leitura mais infantojuvenil não foi muito aceita, pois a turma pensava que gibis eram um conteúdo voltado para o público infantil. Dessa forma, os responsáveis transmitiram insatisfação em participar de uma aula cujo conteúdo era voltado para um público infantil.

Os livros utilizados e aplicados em sala foram: *Português Clássico – história, Cinco Marias*, de Luiz Fernando; *Árvores generosas – Era uma vez uma árvore*, de Samuel Silvestre; *Os bichos também sonham*, de Andréa Daher Saven Paré.

Com as turmas do 6º e 7º ano o material usado para leitura e atividades: *Terrinha* (Turma da Mônica), de Mauricio de Sousa; *A moça artista do topo do morro*, de Helena

Lima; *A surpreendente jogada de Felipe*, de Anne-Kathrin Behl; *Coletâneas poemas*, de Carlos Dantas Araújo.

O ideal para alcançar os objetivos e metas estabelecidas para esta pesquisa deveria ser a participação dos alunos de forma mais contundente, para uma boa absorção e aprendizagem. Contudo, nem todos participavam das aulas de reforço, já que necessitavam realizar atividades domésticas para ajudar os pais, como pescar e roçar. Dessa forma, os alunos ficaram inviabilizados de participarem das aulas no período da tarde. Esta dualidade, entre estudar e trabalhar para ajudar em casa, causa o conflito em seu aprendizado, sabendo que as aulas eram necessárias para os alunos, os pais não os deixavam participar, motivados pelo pensamento de “eles já estudam em um período, não precisam de reforço em outro horário”. Igualmente, as atividades que eram desenvolvidas para serem realizadas em casa, no dia posterior voltam em branco, já que não havia incentivo ou ajuda familiar.

9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SEGUNDO SEMESTRE: SETEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2023

Após um curto período de recesso, foram trabalhadas lendas locais. Contudo, os alunos apresentavam muitas dificuldades em participar das aulas. Desandando em questão de participação, mesmo com a aplicabilidade de trabalhos literários, os estudantes demonstravam desinteresse. As atividades ficaram divididas por semanas: em uma semana estudava-se leitura e, na semana posterior, estudava-se a escrita.

Os livros utilizados foram: *Fuga da biblioteca do Sr. Lemoncello*, de Cris Graben Slim; *O quarto pato*, de Guazzelli; *Meu avô judeu*, de Henrique Sitchin; *Epitácio pessoa - Em quadrinhos*, de Neide Medeiros Santos.

Foi realizado mais um encontro com os pais e responsáveis para saber sobre o desenvolvimento de cada aluna em relação à leitura, e como os responsáveis estariam tentando ajudar os estudantes. Houve a necessidade de chamar a atenção para a relação entre o que era passado em sala de aula e o objetivo de se trabalhar a leitura em casa, esclarecendo o método de ensino, bem como planejando e discutindo estes métodos, de modo que cada professor e lideranças locais defendiam a permanência do projeto.

Foi proposto alguns livros para a leitura, de forma que ajudaria com a compreensão e oratória dos alunos. Assim, as obras selecionadas foram:

Memórias de Emília, de Monteiro Lobato; *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes; *O que fazer quando você não consegue dormir: Um guia para as crianças superarem problemas na*

hora do sono, de Dawn Huebner; *Luluca no Mundo dos Desafios*, de Luíza Luluca; *O Mundo Segundo Felipe Neto - Verdades Hilárias da Vida*, de Felipe Neto.

No período em questão, pôde-se explorar ao máximo a leitura, de forma que foi trabalhado modos individuais, duplas e coletivos. Sempre reforçando que o hábito de ler é fundamental para uma boa aprendizagem e desenvolvimento.

O ideal para a prática de leitura seria em sala de aula e em casa, com certa frequência. Contudo, não é o que acontecia, durante as aulas práticas e observações sobre o desempenho da leitura dos estudantes, notou-se a fala trêmula e dificuldade de leitura, os estudantes demoravam a juntar sílabas e não conseguiam entender o parágrafo que havia sido analisado. Esta observação se deu em todas as turmas lecionadas. Os livros trabalhados durante essas observações foram: *O olho da águia*, ilustrações de Fernando Peres e autoria de Daniel Munduruku; *O que cabe em um livro*, de Irlan Brenman e Fernando Vilela; *Iara: Uma Lenda Indígena em Quadrinhos*, o segundo livro da coleção Pokapone, da autora Margarida Botella; *Na terra dos livros*, do autor Quint Buchholz.

A cada aula de português realizada, a leitura dos livros era feita. As aulas começavam com a leitura em voz alta, para todos acompanharem, posteriormente, era feita a explicação e imersão do contexto em que se passava a narrativa, todos os alunos participavam e tentavam. Após o momento de leitura, os estudantes, com dificuldade, tentavam explicar o que entenderam da leitura.

10 A LEITURA EDUCA, HUMANIZA E LIBERTA

A prática da leitura é conceitualizada como um sistema simbólico fundamentado na linguagem oral, a qual, por sua vez, deriva da linguagem interna. A conexão entre a palavra escrita e o sistema simbólico de significação constitui uma operação cognitiva que engloba processos específicos, tais como codificação, decodificação, percepção, memória, entre outros. Para que uma pessoa decifre e confira significado ao texto, é necessário ativar sua estrutura representativa, interpretar o código para reconhecer a palavra impressa e associar a essa palavra o significado apropriado para compreender a mensagem (Coll, Palacios & Marchesi, 1995; Garcia, 1998, Capovilla, 2000).

É essencial coordenar as informações de maneira a interpretar a mensagem dentro de um contexto, pois a compreensão da leitura engloba o reconhecimento de estruturas gramaticais, a consideração da ordem das palavras, o papel funcional das palavras e o reconhecimento e uso adequado dos sinais de pontuação. Nesse contexto, a interpretação da

leitura está associada à capacidade de fazer inferências, utilizando elementos mencionados no próprio texto.

Mesmo os alunos que apresentaram dificuldades durante o processo em que esta pesquisa se passou, notou-se, mesmo que em pequena escala, um avanço significativo na educação e desenvolvido relacionado às práticas de leitura, uma vez que a etapa basilar de todas as atividades de leitura consiste no reconhecimento dos signos e na atribuição de significados a eles. Durante essa fase, observam-se duas abordagens distintas.

Quando o estudante se depara com uma palavra familiar, o processo é rápido, resultando em um reconhecimento instantâneo. No entanto, ao se deparar com uma palavra desconhecida, o reconhecimento torna-se mais demorado, e pode inclinar-se para a transformação das unidades ortográficas em sons, culminando na pronúncia da palavra (Fonseca, 1995; Garcia, 1998). A compreensão da leitura demanda a coordenação de uma ampla gama de atividades, as quais podem ser agrupadas em dois principais conjuntos: atividades relacionadas à atribuição de significado aos signos escritos e aquelas que incorporam esses significados na compreensão da mensagem escrita (Coll, Palacios & Marchesi, 1995).

Ademais, foi observado uma mudança no comportamento dos estudantes enquanto a aplicação do projeto. Embora o tempo para observar com eficácia o desenvolvimento dos participantes devesse ser maior, o pouco tempo de participação gerou resultados satisfatórios quanto ao comportamento e engajamento, reforçando que a leitura e convívio em sala de aula estimula os alunos, pois, como afirma Gontijo (2010), nada mais sensibilizador do que a leitura de um poema, que tem o dom de conter e frear angústias e sentimentos violentos, proporcionando ao indivíduo o indispensável equilíbrio para viver (e conviver) em comunidade, onde não existe cidadão que tenha nascido para ser ruim ou seguir o caminho do mal e sim cidadão que caiu no erro por não ter encontrado oportunidades e principalmente acesso a uma educação de qualidade, na qual a leitura- mais que hábito- deve ser ministrada para tornar-se um gosto, um prazer.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser uma escola indígena e diferenciada, torna-se importante que os indígenas possam saber a importância do despertar o interesse pela leitura, e quanto mais próximo o indígena estiver em contato com os livros literários, juntamente com o incentivo e valorização adequados, as barreiras já enfrentadas dentro da educação padrão serão superadas. A

educação e a valorização cultural proporcionam aos indígenas valores, conhecimentos, habilidades, e despertam o interesse pela leitura voltadas para a conservação da herança cultural. Esta pesquisa se faz devido aos conhecimentos adquiridos dentro e fora da realidade do povo indígenas, uma vez que ainda são enormes os problemas a serem resolvidos na educação indígenas.

A Comunidade/Aldeia Arimum possui seus próprios empecilhos, mas procura sempre restaurar e celebrar as próprias culturas e crenças entre os indígenas e não indígenas e assim viver pacificamente. As informações encontradas no período da pesquisa, relatam as experiências da realidade e como vivem. Dessa forma, compreende os acontecimentos que ocorrem no cotidiano de cada crianças indígenas e não indígenas e como a escola é um meio fundamental de ajuda e sustância para a vida dos moradores.

Assim, a presente pesquisa demonstra resultados significativos ao utilizar a literatura como estratégia para promover a leitura entre os estudantes da Aldeia Indígena Arimum. Através do uso constante da leitura e da participação ativa dos alunos, observou-se uma melhora gradual na compreensão textual e na oratória, evidenciando o impacto positivo dos livros no desenvolvimento dessas habilidades. Embora ainda existam desafios a serem superados, os resultados sugerem que a imersão no contexto educacional pode transformar o pensamento, o comportamento e a experiência de vida dos estudantes, contribuindo para uma sociedade mais equitativa. Esses achados ressaltam a importância de continuar investindo em práticas educacionais inclusivas e culturalmente sensíveis, que valorizem e respeitem as particularidades das comunidades indígenas, promovendo assim uma educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. L. **Livros só mudam pessoas**. Um povo que lê nunca será um povo escravo, 2012.
- BATISTA, Rafael. **Importância da leitura**. (s.d.). Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/leitura-sala-aula-uma-ferramenta-terapeutica-construtiva.htm>>. Acesso em 23 de outubro de 2023.
- BEHL, Anne-Kathrin. **A surpreendente jogada de Felipe**. Saber e Ler, 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL, Ministério da Educação. Educação escolar indígenas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso: 15, nov. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASÍLIA. Fundação Nacional do Índio (FUNAI): Lei nº 6.001/1973. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm>. Acesso em: 05/03/2024
- BRENMAN, Ilan. **O que cabe num livro**. Ilustrações de Fernando Vilela. 3. ed. São Paulo: Editora, Moderna, 2021.
- BUCHHOLZ, Quint. **Na terra dos livros**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2019.
- CAPOVILLA, A. G. S. & Capovilla, F. C. **Problemas de leitura e escrita**. São Paulo: Menon, 2000.
- COLL, C.; PALACIOS, J. & Marchesi, A. **Desenvolvimento psicológico e educação – necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DAHER, Andrea. **Os bichos também sonham**. Editora: WMF Martins Fontes, 1997.
- DEPUTADOS, Câmara dos. **Centro de Documentação e Informação**. Decreto Nº 6.861, DE 27 DE MAIO DE 2009. Brasília, 27 de maio de 2009; 188º da Independência e 121º da República.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Pedagogy of the Oppressed**. New York: Herder & Herder, 1970.
- FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FACIONE, P. A. **Critical Thinking: A Statement of Expert Consensus for Purposes of Educational Assessment and Instruction**. California State University, 1990.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem** – Linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRABENSTEIN, Chris. **A fuga da biblioteca do Sr. Lemoncello**. Bertrand Brasil, 2016.

GONTIJO, Carlos Lúcio. **A libertação pela leitura**. 2010. Disponível em: <<http://www.carlosluciocontijo.jor.br/home/index.php/minhas-obras/artigos-jornalisticos/44-a-libertacao-pela-leitura>>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

HUEBNER, Dawn. **O que Fazer Quando Você Não Consegue Dormir: Um Guia para as Crianças Superarem Problemas na Hora do Sono**. Tradução: Laura Zaslavsky. Ilustração: Bonnie Matheus. Editora: Artmed, 2008.

ÍNDIGO. **O Quarto Pato**. Ilustrador: Guazzeli. Editora: Positivo, 2020.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. 4ª ed. São Paulo: Editora ática, 1994.

LIMA, Helena. **A Moça Artista Do Topo Do Morro**. Edição padrão. Editora: Lago de História, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. Editora: Globinho, 2016.

LULUCA, Luíza. **Luluca - No mundo dos desafios**. Editora: Astral Cultural. 2020

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**. Ilustrador: Nelson Cruz. Editora: Companhia das Letrinhas. 2004

MUNDURUKU, Daniel. **O Olho da Águia**. Ilustrações de Fernando A. Peres. São Paulo: Leva, 2013.

NETO, Felipe. **O Mundo Segundo Felipe Neto: Verdades Hilárias da Vida**. Editora: Pixel, 2019.

PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (PEE). **Lei Estadual n.º 8.186, de 23 de junho de 2015**. Governo do Estado do Pará. 2015. BRASIL.

RODRIGUES, Marinéa Figueira; FERREIRA, Sheila Alves Diniz. **A importância da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental I**. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, 2016.

SANTOS, Neide Medeiros. **Epitácio de pessoa - em quadrinhos**. 2º Ed. João Pessoa, PB : Patmos Ed., 2018.

SILVA, Elesa Vanessa Kaiser da. **Biblioteca Escolar e Mediação de Leitura: A Base em Construção**. Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD / LALIMU, v. 8, nº 24, 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1995.

SILVERSTEIN, Shel. **Árvores também sonham**. Ilustrador: Fernando Sabino. Editora: Companhia das Letrinhas, 2017.

SILVINO. **Iara**: Uma Lenda Indígena em Quadrinhos. Ilustrações de Margarida Botelho. 1. ed. São Paulo: Editora Nemo, 2014.

SITCHIN, Henrique. **Meu avô Judeu**. Ilustrador: Ionit Zilberman. Editora: Panda books, 2018.

OLIVEIRA, Tânia Amaral. **Tecendo Linguagens: língua portuguesa: 7º ano** / Tânia Amaral Oliveira, Lucy Aparecida Melo Araújo. 5. ed – Barueri [SP]: IBEP, 2018.

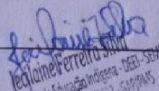
ANEXOS**ANEXO A - TERMO DE ANUÊNCIA****PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED****Termo de Anuência**

A Secretaria Municipal de Educação de Santarém está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado – HABITOS DA LEITURA ENTRE ALUNOS DE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA NOSSA SENHORA APARECIDA, desenvolvido pela acadêmica do curso de Letras Arielzes Lopes Oliveira, em conjunto com o orientador Zair Henrique dos Santos, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

A Secretaria Municipal de Educação assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante o mês de dezembro de 2022 até o mês de janeiro de 2023.

Declaramos ciência que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados.

Santarém, PA 23 de Fevereiro de 2023



Leclaine Perreira Silva
Diretor de Ensino de Educação Indígena - DEEI - SEMED
R. 127, 122 - SAPPAS

Secretária Municipal de Educação

**ANEXO B - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA
ACADÊMICO-CIENTÍFICA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos do cacique da Aldeia Arimun – Rio Arapiuns, autorização para Realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Acadêmico(a) ARIELZES LOPES OLIVEIRA,

Orientado(a) pelo Profº ZAIR HENRIQUE DOS SANTOS,

Tendo como título: HÁBITO DA LEITURA ENTRE ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA NOSSA SENHORA APARECIDA-ALDEIA ARIMUN.

Tendo como objetivo geral da pesquisa a coleta de dados dos alunos entrevistados.

A coleta de dados será feita através da aplicação de Questionários, e entrevistas.

A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA

Santarém, 05 de março de 2023

Assinatura e carimbo do Cacique

João Edinaldo Rodrigues Pereira

Assinatura do Acadêmico

Arielzes Lopes Oliveira

ANEXO C - TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA LUÍS ANTÔNIO ALMEIDA**Termo de anuência da Escola Luís Antônio Almeida****Secretaria Municipal de Educação - SEMED****Escola Municipal de ensino fundamental Nossa Senhora Aparecida-Aldeia Arimun****Termo de anuência**

A Escola Municipal de ensino fundamental Nossa Senhora Aparecida, Aldeia Arimun – Rio Arapiuns, está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado-HABITO DA LEITURA ENTRE ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA NOSSA SENHORA APARECIDA, desenvolvido pela acadêmica do curso de Letras Arielzes Lopes Oliveira, em conjunto com o orientador Zair Henrique dos Santos, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

A Escola municipal de ensino fundamental Nossa Senhora Aparecida assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante o mês de dezembro de 2022 até o mês de janeiro de 2023.

Declaramos ciência que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados.

Santarém, PA 08 de Março de 2023

Adenilza Campos de Jesus
Diretora da Escola